

# CAMPINAS SOB O OLHAR DE JOSÉ DE CASTRO MENDES

Duílio BATTISTONI FILHO

Constantemente, em minhas aulas de História, ouço esta pergunta de meus alunos: Professor, quem foi Castro Mendes cujo nome está ligado àquele teatro? E eu respondo laconicamente: um historiador que amou a sua Campinas. É por isso que procuro resgatar a sua figura para que as novas gerações conheçam um pouco desse grande intelectual, misto de historiador e desenhista mas acima de tudo, um humanista.

José de Castro Mendes ou Zek Mendes como era conhecido na intimidade, nasceu em Campinas a 27 de junho de 1901. Era filho de José Benedito de Castro Mendes e d<sup>a</sup> Luiza de Castro Mendes. Do lado paterno provinha de velhos troncos portugueses da vila de Valadares, arcebispado de Braga, de troncos paulistas, primeiros povoadores de nossa Capitania como os Arruda Botelho, e de bandeirantes como Fernão Dias Paes, o caçador de esmeraldas. Do lado materno, herdaria uma sensibilidade artística da velha Itália.

Após moléstias da primeira infância que muito preocuparam a família, seus primeiros anos decorreram de uma maneira plácida. Tendo apenas concluído o curso primário no Primeiro Grupo Escolar de Campinas, o atual E.E.P.G. Francisco Glicério, destacou-se nas letras e artes dessa cidade, sem ter feito nenhum curso de arte.

Na juventude, matriculou-se na Escola de Belas Artes de São Paulo, ocasião em que lhe foi dado um teste eliminatório, consistindo na reprodução, em tela, de uma porta envernizada. Após concluir o teste, Zek não foi admitido na Escola como aluno, mas recebeu o convite para permanecer como mestre. Porém, recusou-o, pois o artista não queria afastar-se de sua cidade, pois suas raízes estavam nessa

terra, que foi sua e de seus antepassados. Interessante observar que o berço natal de Carlos Gomes, por ser uma cidade industrial e cultural, tem sido, e costuma ser cada vez mais, a síntese do espírito paulista. Nela se desenvolvem as relações, os processos e estruturas que constituem as formas da sociabilidade. Aí ressoa, muito do que se faz e imagina nos mais diferentes círculos sociais, em âmbito regional e nacional. Muitas são as diversidades e desigualdades, tantos são os impasses e os horizontes da sociedade que nela se expressam. Tanto é assim que ela tem sido, segundo o professor Amaral Lapa, o espaço da modernidade. À medida que se desenvolvem as relações entre as pessoas, a cidade adquire importância excepcional. Para ela convergem muitas energias dos diversos segmentos sociais oriundos de todo o Brasil. Nela fermentam, germinam, florescem, realizam-se ou frustam-se muitas das idéias que se produzem no laboratório da sociedade. Também nela observam-se não só problemas e soluções de todos os tipos, mas também doutrinas e críticas utópicas e nostálgicas. Foi nesse ambiente que Castro Mendes empreendeu a sua jornada intelectual e cívica a ponto de transcrever, na primeira página de todos os seus livros, aquele poema que Martins Fontes dedicou à sua terra natal, Santos. Fontes e Castro Mendes identificam-se assim;

*De minha terra para minha terra  
Tenho vivido  
Meus anos encerram  
A adoração de tudo quanto é nosso  
Por ela sonho,  
Num perpétuo enlevo  
E, incapaz de servi-la quanto devo  
Quero, ao menos,  
Amá-la quanto posso*

Autodidata, solteiro convicto, altura mediana, testa larga, olhos grandes esverdeados sob a lente de míope desconfiado, nariz alongado, boca larga, emoldurada pelo rosto mongólico, era na verdade uma criatura curiosa. Havia nele, como inquilinos de sua personalidade, dois sujeitos distintos: um alegre, conversável, irônico, voltaireano; outro, sorumbático, difícil, incontestável ranheta, que era mais freqüente na sua maneira de ser. Simples, introvertido, teve dois

amores: Campinas e sua mãe à qual prometeu que jamais a abandonaria, promessa que cumpriu até a morte dela. A respeito desse amor filial disse o cronista Paranhos de Siqueira

*embaixo de sua cama não houve jamais, um chinelo de mulher que pudesse deixar, na estrada deserta do seu destino, a marca de um passo de amor e de esperança. Primeiro como ele sempre dizia – devido à sua mãe, que era velhinha e doente, e para a qual ele não desejava o castigo de uma nora... E depois devido ao tempo que passou por ele, em disparada, levando-lhe, com a idade, a confiança no futuro.*

Castro Mendes amou também uma jovem a quem dedicou sincero sentimento platônico. Foi nesse período romântico que escreveu um diário em forma de poesia, toda ilustrada, onde declarava seu amor impossível. Espírito solitário, andava sempre sozinho. Tinha muitos conhecidos, mas poucos amigos. Estes diziam de uma forma exagerada que ele dava-se bem apenas com os papéis velhos dos arquivos oficiais, onde ia buscar, na cata das vigílias prolongadas, o acontecimento histórico ainda não revelado pela História. Aí, sim, no manuseio de alfarrábios, cobertos de poeira e atacados de traças e cupins – aí sim, ele sentia-se à vontade.

Era uma figura refinada, quase erudita e sobretudo afetuosa. Podemos dizer que não se relacionava linearmente com nada. Seu traço era a complexidade. Transitava com desenvoltura por vários setores da cultura como Arte, Poesia, Música e, principalmente, pela história de Campinas. Cheio de compromissos, ocupado com vários projetos ao mesmo tempo, trabalhava com intensidade e rigor. Pessoa interessada e interessante, contudo, nada revelava de sua vida pessoal sempre envolta em mistério. Profundamente ligado à sua terra, sua doce figura era vista por todos como uma pessoa capaz de se emocionar ao evocar episódios da cultura campineira. Era tão sensível quanto intelectualmente generoso. Nele, sensibilidade unia-se a uma inteligência meticulosa, exigente, muitas vezes tolhida pela timidez que sabia quebrar nos momentos mais calorosos. Sua vida foi ocupada intensamente pelo serviço público e a paixão pela pesquisa nos documentos. Exerceu uma influência decisiva em nossa comuni-

dade através de sua presença, fôlego, ritmo, levando-o muitas vezes a uma gulodice comovedora.

Castro Mendes era uma festa, apesar de sua misantropia. A folia começava tão logo ele disparava suas idéias como uma metralhadora. Encontravam-no na rua sempre apressado. A princípio, ele parecia enfurnado na couraça de uma personalidade afetada, algo distante, entretanto, em pouco minutos se desmanchava em afetividade.

Como historiador, apesar da falta de um rigor metodológico em seus textos, foi sempre muito paciente e metuculoso, que perdia meses a fio na pesquisa de uma data, na descoberta de um nome, na *elucidação* de um fato. E é nesse ponto, nesse setor de atividade do seu espírito que Campinas lhe deve os mais assinalados serviços.

Lembro-me bem de que quando ainda era estudante de História, no início dos anos sessenta, nas poucas vezes em que nos encontramos na biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas – sua fala era reluzente, seus conhecimentos históricos impressionantes, principalmente pela chamada microhistória, detalhe aparentemente insignificante mas muitas vezes esclarecedor no amplo processo da macrohistória. Seu instrumento de pesquisa era um microscópio mental que o fazia interessar-se por tudo fosse em termos de História, como de Estética. Para ele os objetos tinham existência, nome, origem. Famílias importantes tinham relevância histórica, assim como a descoberta de críticos eminentes, ou um documento que pudesse elucidar um fato histórico. Era o cronista das minúcias. Na sua mania detalhista, procurava devanear entregando-se, muitas vezes, a elucubrações de caráter geral. Chegava ao ponto de descrever os trajes dos atores numa representação teatral ou objetos de arte numa sala senhorial. Seu desejo era encontrar algo concreto que ensinasse a ler a tessitura dessas relações múltiplas e históricas com lupa e paciência.

Foi funcionário até a aposentadoria do Instituto Agrônômico de Campinas. Exímio aquarelista, em 1947, pintou mais de cinquenta telas retratando antigas fazendas do município como Sete Quedas, Santa Úrsula, Cachoeira, Macuco, São Quirino, entre outras. Graças à influência de Menotti del Pichia, essas telas foram reproduzidas num magnífico álbum que teve o título de Velhas Fazendas Paulistas, editado pelo Departamento Estadual de Informações, na época dirigido pelo Dr. Carlos Rizzini, com texto do Dr. José Emanuel Teixeira

Mendes, da Secção de Café do Instituto Agronômico de Campinas o qual abordou os vários períodos da evolução cafeeira na região. A intenção desse trabalho era mostrar para as gerações futuras os derradeiros aspectos das últimas fazendas paulistas no Município. Ali estão com fidelidade e rigor casas-grandes quase em escombros dominando as moradias dos colonos, as senzalas, os terreiros de café, já invadidos em parte pelo matagal; as casas das máquinas, em outros tempos repletas de movimento, as serrarias, enfim, tudo demonstrando uma acentuada decadência. De todas as sedes de fazendas visitadas, Castro Mendes fez ainda uma planta completa de modo que de possa ter uma idéia de como eram divididas as construções e quão resistentes e sóbrias eram. Até os interiores foram bem aquarelados como salas de arreios, alcovas, sala de jantar, corredores, cozinhas com seu fogão a lenha, oratórios com os santos de devoção. Graças a esses quadros o interessado de hoje poderá ter uma idéia do mundo rural da época. Esse álbum teve larga repercussão no mundo intelectual a ponto de Menotti del Pichia numa crônica estampada na Gazeta de São Paulo, em 25 de junho de 1947 exalar as seguintes observações:

*salvar a imagem e a memória de todo mundo medieval foi inteligente obra do Instituto Agronômico de Campinas. Assim têm os paulistas neste álbum um relicário sobre as velhas fazendas do município de Campinas, quer por serem modelares, abrangem no seu tipo todas as fazendas de São Paulo.*

*Retratos da Velha Campinas*, outra obra sua, foi editada pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo, em 1951, com 275 páginas, na época dirigido pelo historiador Nuto Santana. Castro Mendes dedicou este livro a Leopoldo Amaral, aliás, seu mestre. Sempre dizia com justificado orgulho se *eu fosse rico reeditaria toda a obra de Leopoldo Amaral com ilustrações*. Tal livro representa a história da cidade pela imagem de aspectos urbanos de Campinas, apresentando 150 gravuras raras com preciosas informações sobre sobrados, solares de barões do café, estradas de ferro, os primeiros bondes movidos à tração animal, a iluminação a gás, notícias sobre modas, enfim sobre o seu progresso no século passado.

Entretanto, seu livro mais conhecido e muito consultado é *Efemérides Campineiras*. O prefeito municipal, na ocasião, Miguel Vicente Cury tinha aberto um crédito de 250 mil cruzeiros para os custos da obra. Esta tornou-se realidade, em 1963, pela Editora Gráfica Palmares, com 200 páginas e cujo lançamento se deu numa sessão solene realizada nas dependências do Centro de Ciências, Letras e Artes, com a presença do prefeito municipal, sendo que tal evento marcou a primeira grande realização de Departamento de Literatura dessa casa de cultura, brilhantemente presidido pelo jornalista, Francisco Isolino Siqueira.

O trabalho de Castro Mendes reúne dados desde quando o tau-bateano Francisco Barreto Leme, em 1739, estabeleceu sua família no local conhecido por Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso. Visitantes ilustres como Saint-Hilaire, Daniel Kidder, Zaluar, Von Tschudi deixam relatos importantes sobre a cidade e que Castro Mendes comenta com proficiência, mas esquece a passagem de Luis D'Alincourt. Acompanha o referido volume um documentário iconográfico dos mais valiosos, reunindo fotografias e desenhos focalizando os mais antigos e originais aspectos da cidade e a sua evolução urbana, como igrejas, teatros, ruas, praças, mercados, etc., documentando as várias fases da existência dos principais estabelecimentos públicos, templos, monumentos, chafarizes, iluminação. Muitos desses clichês figuravam nos seus Retratos da Velha Campinas e em publicações insertas na imprensa campineira, apresentando desenhos e fotos de grande valor histórico. Transcreve notícias jornalísticas e documentos diversos. A bibliografia e as fontes de que de utilizou são das melhores, isto é, coleções de jornais e revistas conservados no precioso arquivo do Centro de Ciências, diversos almanaques e crônicas de viajantes estrangeiros que escreveram sobre a urbe. Lamentável é que não tivesse consultado o Almanaque de Campinas de 1871, de José Maria Lisboa ou a Coleção Documentos interessantes para a História e Costumes de São Paulo. O livro de Castro Mendes procurou registrar acontecimentos importantes até 31 de dezembro de 1960, a exemplo de *Efemérides Brasileiras do Barão do Rio Branco* que, diga-se de passagem, a convite de Rodolfo Dantas, registrou diariamente em suas páginas os fatos do dia ao longo da história, publicadas originalmente como notas comemorativas, no então recém-fundado *Jornal do Brasil*, em 1891. Castro

Mendes também inseriu em primeira mão no Correio Popular de Campinas essas notas campineiras, enfeixando-as no citado volume.

Não há época da história campineira em que Zek não tenha lançado a sonda. De junho de 1968 a 31 de abril de 1969, publicou uma série de vinte fascículos sobre a História de Campinas no Correio Popular, a qual trouxe uma contribuição inestimável para a história cultural da cidade. Soube captar com muita precisão os primeiros tempos da cidade, com suas casas irregulares de taipa até edifícios importantes como a Matriz Nova, o Mercado Municipal, o Primeiro Grupo Escolar, escritórios da Mogiana, o palacete Ambrust e alguns chalés na virada do século. Descreveu ainda o tempo do bonde, a alegria dos circos e uma coisa interessante: como eram as propagandas comerciais, principalmente com a presença de bandas de música anunciando as novidades. É preciso acentuar que a idéia desses fascículos partiu do jornalista Carlos Tontoli e do técnico gráfico Osvaldo Galerani. O primeiro, sensível ao alcance e penetração da obra; o segundo, hábil no emprego das técnicas adequadas e capazes de dar a verdadeira moldura ao trecho histórico. A publicação desses fascículos caiu no gosto dos intelectuais campineiros, amantes de sua história a ponto de muitos deles mandar encardená-los visando futuras pesquisas. É um estudo que, noutras mãos poderia adquirir uma seca tecnicidade. Entretanto, nas suas mãos, para utilizar uma expressão dos românticos, assume uma espécie de *fatia de vida*. A repercussão foi imensa e muitos intelectuais se pronunciaram sobre o valor da obra, entre eles o arcebispo D. Paulo de Tarso Campos que emitiu o seguinte depoimento:

*apreciei-a pelos valiosos subsídios históricos que trouxe e que ainda irá trazer aos leitores das colunas sempre lúcidas do Correio Popular. Foi realmente, com satisfação que li o suplemento da História de Campinas que o historiador José de Castro Mendes, em boa hora está publicando, dando assim significativa contribuição aos estudos históricos da terra campineira.*

Militando na imprensa campineira por mais de vinte anos, principalmente no Correio Popular, Castro Mendes publicou numerosos artigos informativos sobre História, Literatura, Música, Teatro

e Artes Plásticas. Juntamente com Edgar Leunroth organizou a primeira exposição retrospectiva por ocasião do centenário da imprensa campineira.

Em 1959 foi homenageado pelos seus colegas de imprensa com um almoço no restaurante Lo Schiavo. Luso Ventura, solerte jornalista, foi encarregado de saudar o homenageado. Falou de sua militância no jornalismo desde 1934 com muito ardor e paixão. A certo momento de sua fala dizia ser Castro Mendes *o grande vinhetista da cidade, filiado àquela família espiritual de intelectual que nos deu a probidade de Benedito Octávio, a elegância de Leopoldo Amaral, a vivacidade e o colorido de Pelágio Lobo, a crônica de cada igreja, o perfil de cada "homem bom", o colorido de cada drama, a tristeza e a alegria que assinalavam cada Lance da biografia da cidade.*

Homem ligado à cultura, Castro Mendes foi um verdadeiro mecenas ao criar diversos museus na cidade, como o Carlos Gomes, o Campos Sales e o Instituto Agrônômico. Ao fundar o Museu Carlos Gomes, sua maior realização, em 1956, que ele definia como itinerante, pôde contar com a colaboração de figuras ilustres da cidade, principalmente de sua sobrinha Luíza de Castro Mendes Napoli Aires, que chegou a ser sua assistente de direção de 1956 a 1961. O acervo muito rico reúne objetos pessoais de Carlos Gomes como o piano, uma harpa, métodos onde estudava piano, sessenta cartas originais enviadas a parentes e amigos, todas as óperas em edições antigas, suas primeiras composições originais, programas de estréia de Guarani, no Scala de Milão, para citar alguns. Consta ainda do acervo, a título de curiosidade, uma pá de prata usada por Santos Dumont na colocação da primeira pedra do monumento ao maestro; bandeira de seda bordada de prata que cobriu o esquife de Carlos Gomes, etc. Castro Mendes foi agraciado com a medalha Imperatriz Leopoldina pelos seus esforços em prol do museu.

Merece também um registro o Museu do Instituto Agrônômico. Consta de uma valiosa coleção de miniaturas de madeira representando os implementos agrícolas de uma época pioneira. Ali estão engenhos, monjolos, carros de boi e diversos tipos de pilão. Dada a riqueza desse acervo, representantes de revista americana *National Geographic Magazine* puderam documentar em um número toda a riqueza dessa coleção. Castro Mendes também aquarelou hortaliças e

flores, desenhos de diferentes variedades de café, cereais e frutas pertencentes à famosa casa de pesquisa.

Como crítico musical e de artes plásticas deixou uma folha de serviços bastante apreciável, notadamente na imprensa. Aprendeu as sábias lições de Gertrudes Stein sobre a diferença entre arte e entretenimento. Grande aquarelista, desde cedo teve pendores para o desenho; fazia milagres com o lápis, alcançando grande habilidade e uma técnica apurada. Deu vários cursos de arte em instituições culturais, além de proferir palestras de elevado teor cultural nos diversos ramos do conhecimento. Participou de inúmeras exposições, sempre alcançando prêmios como aquele do centenário da independência do Brasil com seus desenhos, aquarelas e caricaturas. Amante da fotografia conseguiu reunir um valioso documentário sobre Campinas e dentre suas preciosidades destacava-se uma foto de 1868 de um carnaval, segundo ele, a mais antiga da cidade. Também possuía fotos do jardim Carlos Gomes, por ocasião da epidemia de febre amarela, com suas recém-plantadas palmeiras imperiais, o largo da Catedral mostrando a Matriz Nova ainda em fase de construção, com seus andaimes e sem a torre construída. Fez várias cenografias de peças teatrais, como por exemplo, O Casaco Encantado de Lúcia Benedetti, com montagens de Manoel Erbolato e direção de Carlos Maia.

Poeta bissexto, ilustrou os prelúdios admiráveis de Chopin com vinte e quatro poemetos imaginados e fixados em miniaturas coloridas, com extrema felicidade. Notável pianista preferia as obras deste compositor polonês e tinha admiração pela Grande Fantasia do Hino Nacional de Gottschalk.

Grande defensor dos monumentos históricos de nossa cidade lamentava a demolição do Teatro Municipal, em 1965. Dizia, na ocasião:

*Campinas em toda a sua vida, praticamente teve quatro teatros: Rink, Coliseu, S. Carlos e Carlos Gomes. Vamos assistir agora a extinção do último deles. Dia chegará em que nada mais teremos a oferecer aos turistas.*

No Diário de Povo, em julho de 1965, comentava a anunciada construção de um novo teatro no local da Praça Imprensa Fluminense

e que este logradouro tinha muita história e era um dos preferidos dos campineiros, pois ali havia sido instalado o primeiro Jardim Botânico *de Campinas*, criado por Correia de Melo.

Segundo Maria Luiza Pinto de Moura, bibliotecária do Centro de Ciências, Zek Mendes deixou-nos uma “História de Arte em Campinas” que infelizmente continua inédita, na qual estuda as antigas bandas de música, sociedades literárias, artistas que brilharam no cenário artístico campineiro e que estavam esquecidos com Raul de Castro, Maria Monteiro, Santana Gomes, entre outros.

O seu legado cultural é importante para nós... À guisa de exemplo, no Museu de História do Bosque dos Jequitibás existem trinta pequenas aquarelas representando Campinas antiga. Os quadros foram doados pelo próprio artista. Diga-se de passagem, este é o único local onde os quadros possuem um destaque razoável. Mesmo assim o artista passa desaparecido em sua essência.

Nos últimos anos de sua vida, Castro Mendes vinha sofrendo de traqueíte, sem jamais dar importância ao fato, apesar de insistência dos familiares e amigos para que ele se tratasse. No dia 25 de janeiro de 1970, falecia, vítima de infarto do miocárdio deixando somente uma irmã, Vanda de Castro Mendes, já falecida.

A admiração conseguida por ele no meio artístico e jornalístico ficou provada no momento em que sua morte foi anunciada. O cortejo contou com numeroso acompanhamento. A Prefeitura Municipal de Campinas resolveu homenageá-lo dando em março de 1970 o seu nome ao Teatro Municipal situado na praça Corrêa de Lemos, na Vila Industrial.

Finalizando, podemos dizer que sua vida e obra precisam ser melhor avaliadas para que novas gerações possam contemplar aquele que, acima de tudo, amou sua cidade, sua história e suas tradições.